



A FENOMENOLOGIA DE HUSSERL: NOVA ABORDAGEM EPISTEMOLÓGICA

Luan Marcos Portes¹

 <https://orcid.org/0009-0006-6881-0562>

 <https://doi.org/10.33871/27639657.2024.4.2.9528>

RESUMO: A presente pesquisa expressa o método fenomenológico proposto por Edmund Husserl (1859-1938). Entende-se o método fenomenológico desenvolvido por Husserl, como exegese da capacidade do homem conhecer e fazer ciência do mundo percebido. Por meio da redução Fenomenologia e eidética, cogitou-se vislumbrar e apontar as raízes da autêntica condição do homem perante a realidade que lhe é verdadeiramente revelação, e o dado da experiência reflexiva da consciência como expressão última da realidade íntima do homem, na correlação entre a atitude da consciência e os dados que a ela se anunciam como essências reais. A ciência, a partir da abordagem feita por Husserl, mostrou ter como solo último a pura experiência do ser consciente que se coloca diante do mundo que se lhe oferece como realidade em si, por meio do desvelamento que o Eu consciente faz do ser do mundo.

Palavras chaves: Percepção, Edmund Husserl, Fenomenologia, Realidade.

HUSSERL'S PHENOMENOLOGY: A NEW EPISTEMOLOGICAL APPROACH

Abstract: This research expresses the phenomenological method proposed by Edmund Husserl (1859-1938). The phenomenological method developed by Husserl is understood as an exegesis of man's ability to know and make science of the perceived world. Through phenomenology and eidetic reduction, the idea was to glimpse and point out the roots of man's authentic condition before the reality that is truly his revelation, and the data of the reflective experience of consciousness as the ultimate expression of man's intimate reality, in the correlation between the attitude of consciousness and the data that announces itself to it as real essences. Based on Husserl's approach, science was shown to have as its ultimate ground the pure experience of the conscious being that places itself before the world that offers itself to it as a reality in itself, through the unveiling that the conscious I makes of the being of the world.

Key words: Perception, Edmund Husserl, Phenomenology, Reality.

¹ Bacharel em Filosofia pela Faculdade Vicentina de Curitiba (2023).



Artigo publicado em acesso aberto sob a licença Creative Commons Attribution 4.0 International Licence.

INTRODUÇÃO

A questão do conhecimento é sumamente importante para a filosofia desde seus primórdios. Todo o saber filosófico até aqui, em certo sentido, foi movido pelo incessante interesse sobre o mundo que nos rodeia. A preocupação com a visão ontológica, moveu a área da gnosiologia na filosofia, e, é o que Edmund Husserl (1859-1938) tem em vista esclarecer incansavelmente em seu método de “voltar às coisas mesmas”.

Neste trabalho, buscar-se-á esclarecer as problemáticas das ciências europeias do século XIX, com o desenvolvimento científico que levou ao materialismo. As diversas correntes filosóficas, buscaram remontar a filosofia a partir da concepção científica sistemática, tendo como modelo as ciências exatas. Essas ciências, baseadas na pura evidência científica, condicionaram a desvalorização pelo tema da metafísica clássica, principalmente pela influência do positivismo e do idealismo.

É notável que a ciência moderna é efeito de um processo que decorre desde a antiguidade, na perspectiva de desvendar os mistérios da natureza. E com isso surge um novo modo de pensar o homem. Todo movimento filosófico ficou à mercê da validação científica, até mesmo nas ciências do espírito, como na psicologia. Desse modo, Husserl busca reformular o método científico, marcado pela rigorosidade científica, que para Husserl, é fundamental para chegar ao conhecimento, apontando que o princípio não está na fragmentação das ciências.

1 A FENOMENOLOGIA DE HUSSERL

A Fenomenologia de Husserl² “propõe descrever o modo como o mundo aparece para a consciência, sem nenhum pressuposto” (ZILLES, 2016, p. 25). É a busca pelo sentido do

²Edmund Gustav Albrecht Husserl nasceu em 8 de abril de 1859 na região da atual Tchecoslováquia. É considerado o pai da Fenomenologia (BELLO, 2006, p. 17), método este que ocupou seus estudos até o fim de sua vida em 1938. A única ideia viva de Fenomenologia é a expressada por Husserl (ABBAGNANO, 2003, p. 438), uma vez que ele é quem edificou e desenvolveu como um método científico. Posteriormente, a Fenomenologia foi levada adiante por alunos e admiradores como: Edith Stein, Max Scheler, Maurice Merleau-Ponty, Martin Heidegger, Jean-Paul Sartre, Gabriel Marcel. Por isso, Husserl é considerado um dos principais e mais influentes filósofos do século XX. Husserl formou-se em matemática sob a direção de Weierstrass² (DARTIGUES, 2005, p. 14), dedicou-se primeiramente à matemática, aquela considerada “ciência de rigor por excelência”. Consequentemente, Husserl aprecia a matemática pela sua exatidão como método científico, sua rigorosidade é modelo para as filosofias e ciências que se desenvolviam em seu tempo. Porém, mais tarde recebeu

modo de perceber o que está ao redor, pois, como fora referido no capítulo anterior, as ciências europeias não resolvem a problemática do conhecimento. É necessário ressaltar que a Fenomenologia a partir da obra *Ideias para uma Fenomenologia pura e para uma Filosofia Fenomenológica*³ (1913), que será mais enfatizada aqui, difere em proposta daquela apresentada nas *Investigações Lógicas*⁴ (1901) (HUSSERL, sd. p. 13), pois nesta a abordagem era de uma filosofia fundamentada a partir de uma descrição das vivências psíquicas da lógica e suas significações fixas como evidências, como na objetividade da matemática, em oposição à concepção de que as verdades lógicas eram deduzidas a partir dos processos psíquicos.

De modo diferente, na obra *Ideias para uma Fenomenologia pura e para uma Filosofia Fenomenológica*, a proposta se desliga do aspecto da fundamentação da evidência matemática e da lógica e passa para a vivência, pois toma a consciência como pretensão gnosiológica da realidade circundante, a partir da consideração transcendental. A Fenomenologia aí apresentada por Husserl, volta-se especialmente para a consciência, no sentido daquilo que aparece no mundo e para a consciência. É a investigação a respeito da correlação entre significação e objeto na consciência (HUSSERL, sd., p. 14).

A crise filosófica e a ciência positivista, do final do século XIX, resultaram na descaracterização da identidade do ser humano, que culminou nos conflitos das décadas posteriores, onde a dignidade do homem foi rebaixada ao extremo, revelando sua miséria e deixando-o sem uma identidade cultural à qual se sentisse pertencente, na completa falta de sentido para a existência. Sem perspectiva de uma razão do viver, conforme se pode constatar:

Renovação é o grito de chamada geral no nosso doloroso presente, e é-o no domínio de conjunto da cultura europeia. A guerra, que devastou a Europa desde o ano de 1914 e que, desde 1918, apenas preferiu, em vez dos meios de coação militares, os meios “mais refinados” das torturas da alma e das misérias econômicas moralmente depravantes, pôs a descoberto a íntima inverdade, a ausência de sentido desta cultura. (HUSSERL, 2008, p. 3)

Mas, onde está o referente a tudo isso? Como compreender a realidade concreta e o que a cerca, para dar ou descobrir o sentido de tudo? Desde os primórdios da filosofia buscou-se uma razão (sentido) para a vida, o porquê da existência e sua finalidade sempre foram

influência de Franz Brentano (1838-1917), filósofo especialista na tradição aristotélica, grande contestador da filosofia idealista de Kant.

³ Título original: *Ideen zu einer Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie*. 1ª edição: 1913.

⁴ *Logische Untersuchungen: Untersuchungen sur Phänomenologie und Theorie der Erkenntnis*. 1ª edição: 1901.

destaques, e nas décadas anteriores próximas a Husserl, não foi diferente. É a busca constante de entender a relação do homem com o mundo, no modo como ele o apreende. E nessa investigação, Husserl retorna a Descartes, onde ele viu um verdadeiro ato rigoroso para buscar um conhecimento indubitável.

2 DESCARTES E UM PRIMEIRO PRINCÍPIO PARA A FENOMENOLOGIA

Em 1637, René Descartes⁵, na obra *Discurso do Método*, elaborou uma metodologia que para ele seria, como afirma Jolivet (1959, p. 71), um "caminho para chegar à verdade das ciências". Desse modo, o "método" como um processo de disciplinação do espírito, tinha como certa vantagem a segurança no procedimento do que se pretende ter por conhecimento (JOLIVET, 1959, p. 71). Essa era a almejada segurança a que todos pretendiam chegar, já que somente o que correspondia à fé era compreendido como verdade absoluta.

Como houve uma retomada do caráter cientificista, advinda na Renascença (XIVXVI), que remontava à objetividade do conhecimento na natureza, o modo medieval de lidar com o conhecimento começou a ser questionado, passando por uma crise de autenticidade, deixando de ser confiável pelas implicações metafísicas dedutivas, compreendidas por completo apenas com o complemento da fé (DESCARTES, 2001, p. 4). Assim, ele questionou tudo que poderia ser posto sob o crivo da pura validade:

E assim pensei que as ciências dos livros, pelo menos aquelas cujas razões são apenas prováveis, e que não tem nenhuma demonstração, sendo compostas e aumentadas pouco a pouco pelas opiniões de muitas pessoas diferentes, não se aproximam tanto da verdade quanto os simples raciocínios que um homem de bom senso pode fazer naturalmente sobre as coisas que se lhe apresentam. (2001, p. 17)

É um ato racional e metodológico sem o auxílio da metafísica como fundamento do conhecimento, mas considerando apenas a razão e a experiência dela mesma. É justamente o uso autônomo da faculdade da razão e do "bom senso", que para Descartes é comum a todo homem, que ele busca suspender a validade do conhecimento acreditado como verdade

⁵ René Descartes nasceu em 1526 em La Haye (Touraine). De 1613 até 1617, estudou em Paris onde conquistou licenciatura em direito. Posteriormente deixou os estudos e propôs-se a buscar a verdade por si mesmo, empregando esforços para distinguir o verdadeiro do falso na filosofia, causado por uma inquietação filosófica advinda da falta de clareza do conhecimento vigente em sua época. Principais obras: *Discours de la méthode*; *Meditationes de prima philosophia (1641)* e *Principia philosophia (1644)* (HIRSCHBERGER, 1967, p. 105).

(HUSSERL, 2012, p. 328). É a “audácia intelectual” com a qual alguns homens buscaram romper com os paradigmas antigos. Portanto, Descartes buscava, como ele mesmo afirmava (DESCARTES, 2016, p. 41), a verdade como um "*Princípio Indubitável*", encontrada pelo método da dúvida, ao qual pudesse assegurar-se no processo da construção do conhecimento.

[...] é necessário que tome um extremo cuidado para não tomar imprudentemente alguma outra coisa por mim, e assim me enganar neste conhecimento [...]; e de minhas antigas opiniões retirarei tudo o que é possível combater pelas razões que há pouco mencionei, de maneira que não reste precisamente nada salvo, o que é inteiramente indubitável. (DESCARTES, 2016, p. 41)

O processo empregado por Descartes é considerado o princípio de toda a filosofia moderna. Mas com o método da dúvida ele não queria simplesmente ensinar a cada um como conduzir a razão, mas demonstrar como conduziu a sua (DESCARTES, 2001, p. 7). Evidentemente que isso significa, antes de tudo, uma tomada de decisão pessoal de Descartes que buscava a solidez do conhecimento que não encontrou na filosofia, nas literaturas e nem nas teologias (2001, p. 12). Assim sendo, por quatro passos, a saber: "1º duvidar sempre; 2º dividir as ideias em partes; 3º ordenar, começar pelas ideias mais simples até às mais complexas; 4º revisar para garantir que nada foi omitido (DESCARTES, 2001, p. 23), chegaria então, por tal itinerário, a uma certeza clara e distinta (princípio indubitável).

O conhecimento filosófico é, segundo Descartes, absolutamente fundado; ele tem de repousar em um fundamento de conhecimento imediato e apodítico que, na evidência, exclui qualquer dúvida imaginável [...] Todo filósofo tende proceder assim uma vez na vida e, se não o fez, tem de proceder assim, ainda que já tenha a "sua filosofia". (HUSSERL, 2012, p. 61)

Através da “*dúvida metódica*”, sobreposta, empregada sistematicamente e aplicada pela razão pensante do sujeito, Descartes coloca tudo do mundo sob o crivo da evidência plena, o conhecimento assim, seria assegurado pelos princípios axiomáticos da evidente e inquestionável clareza racional de caráter *a priori*. A única coisa que restou para Descartes, ou seja, a que sobreviveu ao método, foi a coisa pensante (*res cogitans*). A evidência plena de existência estava no “*cogito*”, no Eu que duvida. E mesmo que pense ter um “deus enganador”, nada resta a não ser o “*cogito*”. Ainda que Descartes tenha colocado tudo sob a dúvida, a evidência do “eu pensante”, que duvida, demonstra que o pensamento é um atributo que lhe

pertence, e que é inseparável dele. Portanto, Descartes proclama: Penso, então, “*eu sou, eu existo*” (DESCARTES, 2016, p. 44).

Nada admito agora que não seja necessariamente verdadeiro: sou, portanto [...], uma coisa verdadeira e verdadeiramente existente. Mas que coisa? Eu o disse: uma coisa que pensa [...] não sou esse conjunto de membros chamado de corpo humano; não sou um ar sutil e penetrante distribuído por todos os membros; não sou um vento, um sopro, um vapor; nem nada de tudo aquilo que eu possa simular e imaginar, uma vez que supus que tudo aquilo não era nada, e que, sem alterar essa suposição, descobro que não deixo de estar certo de que sou alguma coisa. (2016, p. 44)

Desta investida, na tentativa da busca por uma “certeza indubitável”, a qual seria o princípio de todo conhecimento, a conclusão foi o “*cogito ergo sum*”: a única coisa de que ele não poderia duvidar é que duvidava. O *ego sum*, (eu sou) de Descartes, coloca a razão como princípio incontestável para o conhecimento. Pois, por meio do axioma “penso, logo existo”, é possível reconhecer que a consciência humana é quem assegura o conhecimento. Este eu é o “que duvida, que concebe, que afirma, que nega, que quer, que não quer, que também imagina e que sente” (2016, p. 44).

Tudo isto é designado por Descartes, como se sabe, com o título *cogito*. O mundo em geral é para mim apenas o que existe conscientemente e para mim vigora em tais *cogitationes*. Dessas *cogitationes* recebe ele todo o seu sentido e toda a sua vigência de ser. Nelas decorre toda a minha vida mundana. Não posso viver, experimentar, pensar, valorar e agir em nenhum outro mundo que não tenha o sentido e a validade em mim e a partir de mim próprio. (HUSSERL, 1929, p. 7)

Essa busca de Descartes pela evidência plena do conhecimento, alimentou correntes filosóficas, como no caso da psicologia, que se dedicaram profundamente em conhecer a capacidade do intelecto humano, e até onde ele poderia chegar, influenciando toda a filosofia moderna e as concepções ideológicas da vida prática da civilização europeia, já que permeiam toda a vida social, na política, na moral etc. São notáveis as investidas e a perseverança na busca pela validação do conhecimento a partir de um princípio de caráter científico.

Com Descartes é inaugurado o racionalismo, que defendia a tese de que o conhecimento se dá pela consciência, ou seja, a razão é quem postula o conhecimento humano e é a fonte para qualquer evidência. De outro modo, com Bacon, considerado o pai do empirismo, que, em contrapartida ao racionalismo, defendia a tese de que somente a

experiência empírica assegura a validade do que se pretende conhecer, como referido no capítulo anterior.

O filósofo Locke, na obra *Ensaio Acerca do Entendimento* (1690), afirma que o conhecimento é “como um armário, totalmente fechado e sem luz, com apenas algumas pequenas aberturas que permitem a entrada de semelhanças externas visíveis, ou ideias das coisas de fora” (DUPRÉ, 2015, p. 16); portanto, deixa em dúvida a validade do conhecimento das coisas que vem pelos sentidos. O que faltou em Locke, segundo Husserl (HUSSERL, 2012, p. 71), foi não fazer uso completo do *ego* de Descartes e não ir até a intencionalidade, ou seja, não foi rigoroso o suficiente. Assim também ocorreu com Hume:

Em lugar de enfrentar a luta com o contrassenso, em lugar de desmascarar as pertenças obviedades sobre as quais se assentam este sensualismo e o psicologismo em geral, para penetrar, então, numa autocompreensão coerente e numa genuína teoria do conhecimento, deixa-se estar no papel cômodo, que causa tanta sensação, do ceticismo acadêmico”. (2012, p. 71)

Com grande influência, Emanuel Kant explana na obra *Crítica da Razão Pura*⁶ (1781), que o limite do conhecimento humano está na incognoscibilidade do fenômeno, e que não poderia ultrapassá-lo, e o que vem depois do fenômeno é apenas um juízo, colocando os limites para o conhecimento como condição do homem. Kant também faz uma espécie de redução fenomênica ao fazer um “isolamento” da sensibilidade (estética transcendental), mas ele não suspende apenas os juízos sobre o evento, mas a cor, matéria, dureza etc., sendo para ele representações de um corpo como efeitos da faculdade do entendimento (KANT, 2009, p. 32).

Kant buscou com isso ir além do fenômeno e acabou se deparando com a impossibilidade de visar uma coisa em si mesma, visto o limite da estrutura do sujeito transcendental, partindo da teoria de que as faculdades deste é quem permitem o conhecimento ou não, através das condições presentes. Onde a possibilidade de conhecer uma efetividade de um objeto seria incogitável. Sendo assim, não se pode explicar "a causa das multiplicidades fáticas ou dos dados sensíveis" (HUSSERL, 2012, p. 77). Mas, para Husserl, em relação ao tomar a coisa fora de seu modo de doação sensível, pretendendo ir além do fenômeno, buscando a essência da coisa, tendo como que excluindo o seu "rastro" (modo de ser da coisa no mundo) é como tentar encontrar o núcleo de um círculo tendo excluído o seu

⁶ No original: *Kritik der reine Vernunft*, conforme edição de 1781.

sinal de circunferência que possibilita encontrar seu centro. Entretanto, se consolida com Kant uma filosofia científica que, sistematicamente construída, abraça o aspecto subjetivo transcendental, onde o conhecimento, para o ser de fato, depende essencialmente da razão humana que possibilita-o ou limita-o.

É uma filosofia que, perante o objetivismo pré-científico e também científico, retorna até a subjetividade cognoscitiva como lugar originário de todas as formações de sentido e validades de ser, empreendendo conceber o mundo existente como uma configuração de sentido e validade e, por tal modo, pôr em marcha uma espécie essencialmente nova de cientificidade e de filosofia. (HUSSERL, 2012, p. 80)

Para Husserl, ao contrário, percebe-se a essência justamente por não excluir o evento em si mesmo (o manifestado) em completo, sua aparência, estado cor, etc., mas apenas tira de foco, na mais pura evidência da manifestação original. Nesse sentido, é perceber a coisa assim como ela é para si mesma e para a consciência. Percebe-se que ela carrega em si uma propriedade que se doa neste seu modo próprio de estar ali. Pode-se constatar que "a dedução transcendental da primeira edição de 1781, da *Crítica da Razão Pura*, já se move propriamente em solo fenomenológico; Kant, porém, o interpretou equivocadamente como solo psicológico e, por isso, abriu novamente mão dele" (HUSSERL, 2006, p. 141). Eis aí um princípio fundamental para Husserl, separar-se de um psicologismo e de um idealismo a modo Kant. Mas toda esta especulação nos entrementes da filosofia moderna, demonstram que, de certa forma, a Fenomenologia sempre foi o "anseio secreto de toda a filosofia moderna" (2006, p. 141).

Para Kant, na *Crítica da Razão Pura*, a ordem da realidade externa é coordenada pela consciência, já que no mundo o que há são "coisas caóticas", tudo dependerá da consciência que deverá ordenar e "criar" uma realidade circundante, mas isso seria impossível visto que a consciência não pode, fenomenologicamente falando, prestar atenção em tudo ao mesmo tempo, a consciência presta atenção em particularidades do mundo circundante, mesmo este estando como que ao fundo da percepção. Então temos que admitir, pela intencionalidade da consciência, que há conscientização de algo que é em si mesmo ordenado e se exhibe, no "estar dado" das coisas (HUSSERL, sd. p. 32), que se expõe como tal é.

Os esforços para chegar a ela ocorreram já na admiravelmente penetrante consideração fundamental de Descartes e depois novamente no psicologismo da escola lockiana, com Hume já quase adentrando seus domínios, embora com a vista ofuscada. O primeiro a enxergá-la mesmo foi Kant, cujas maiores intuições só nos

serão de todo compreensíveis quando tivermos conseguido trazer à plena clareza de consciência aquilo que é peculiar ao domínio fenomenológico. (2006, p. 141)

Embora todas as dificuldades, as visões racionalista, psicologista e empirista, estando sempre em constante aperfeiçoamento e movidas pelas descobertas geométricas e matemáticas da modernidade, estavam imbuídas de uma vontade de formular uma ciência unificada, uma "ciência do mundo em geral" (ciência de tudo) (HUSSERL, 2012, p. 52). Com todas as questões sobre a possibilidade de encontrar um ponto de partida para um conhecimento concreto e que cumprisse o papel da filosofia nas relações do homem com o mundo, surgiram muitos ideais filosóficos que buscavam esclarecer e fundamentar a vivência humana nesse período de crise do conhecimento.

Diante desta complexa situação, Husserl, tendo contato com o pensamento de Kant, Hume e Descartes, quer "*Voltar às coisas mesmas*", mas isso não significa voltar às filosofias passadas, pois elas "são prontas e acabadas", visa, antes de tudo, estabelecer um fundamento, uma experiência comum de onde a filosofia poderia partir. É um voltar-se para a realidade das vivências humanas, do modo como ela é e se apresenta à intuição (DARDIGUES, 2006, p. 18-19). Não significa também voltar aos objetos e regiões ônticas, mas ao "conhecimento mesmo" (conhecimento em si) (MOURA, 2022, p. 24). Esta tomada de decisão parte de um "descontentamento" com as escolas e sistemas filosóficos, que se reduziam a terminologias fechadas, "sem deixar falar as coisas" (HIRSCHBERGER, 1968, 163).

Portanto, Husserl apresenta uma preocupação com uma necessária reconstrução do método filosófico, para tornar a filosofia uma "unidade universal das ciências, na unidade de uma fundamentação absolutamente racional" (HUSSERL, 1929, p. 2). Não como as filosofias anteriores, mas de um modo fundamentalmente novo, que servisse para sustentar um sólido conhecimento filosófico, onde o filósofo, para ser um de fato, "deve uma vez na vida retirar-se para dentro de si mesmo e tentar o derrube de todas as ciências existentes e buscar a sua reconstrução" (1929, p. 2).

É o itinerário traçado para aprender o âmago de um conhecimento bem fundado, um princípio indubitável que a filosofia tem como papel fundamental buscar incessantemente. Partindo de uma primeira consideração: a possibilidade de conhecer, pois, a possibilidade de haver conhecimento se dá pelo conhecimento indultável de certas possibilidades de conhecer (HUSSERL, sd. p. 23), isto é, a possibilidade como abertura para o conhecimento. Nesta

intenção de não mais "expressar" o mundo para dele retirar o conhecimento possível de ser cognitivo, mas de "deixar as coisas falarem", evitando, acima de tudo, qualquer juízo prévio.

Orienta-se para as próprias coisas, interroga as próprias coisas nas suas próprias maneiras de se oferecerem ao pensador, deixando de lado os preconceitos que são necessariamente alheios à própria coisa. São essas as exigências fundamentais e primordiais da fenomenologia. (GILES, 1975, p. 132)

A partir disso, Husserl parte do "*cogito ergo sum*" de Descartes, pois este buscou para a filosofia um fundamento máximo e inabalável. O "eu sou" de Descartes é o preâmbulo para a Fenomenologia de Husserl. Porquanto, para ele este juízo cartesiano é uma "intuição verdadeiramente originária" (capacidade de se dar conta dos fatos espaciais e temporais, ver algo) (SANTOS, 1961, p. 19). A intuição é aí entendida como este ato de perceber imediatamente uma presença, ela não deve ser confundida com o simples visar místico, entendido banalmente como premonição. Intuição é a "relação direta" (visão) com um objeto presente, não mediada por algo externo (ABBAGNANO, 2003, p. 670).

Esse retorno incessante à intuição originária (não só ver sensível, mas ver em geral), é para Husserl "fonte de direito para o conhecimento" (HUSSERL, 2006, p. 62), e ainda o tem como princípio dos princípios (DARTIGUES, 2005, p. 19). Este seria uma verdadeira fonte para o conhecimento, o princípio para tomar uma posição diante da abdicação das teorias que moldaram e conduziram a filosofia moderna para um campo especulativo, apropriando-se do espectro subjetivista e positivista. É um ato de reerguer a filosofia ao seu posto de dignidade, marcado por um rigor científico que lhe é por direito. Se é por essa constante crítica ao conhecimento que se busca uma verdadeira e indubitável certeza cognoscível, como clareza, então não pode utilizar nenhuma ciência natural. Sendo assim, é uma nova esfera de investigação (HUSSERL, sd. p. 25).

É em vista de encontrar o sentido para a realidade nas coisas mesmas, que Husserl volta a Descartes, pois busca no fenômeno um princípio fundante da estrutura da realidade, a fim de tornar a filosofia uma ciência de rigor, com uma verdadeira convicção e como deve ser proposto por sua própria pretensão de ser o principal meio para chegar a uma verdade indubitável. Na mesma busca, intencionou Descartes, por meio do *ego*, uma certeza objetiva. Porém, Husserl busca ir mais a fundo nessa investigação:

[...] este *ego* realiza, antes de mais, um filosofar seriamente solipsista. Procura caminhos apoditicamente certos pelos quais lhe seja patente uma exterioridade objetiva na pura interioridade. Isto acontece em Descartes do modo que sabemos, ou seja, deduz-se primeiro a existência e a verdade de Deus; e, em seguida, por seu intermédio, a natureza objetiva, o dualismo das substâncias, em suma, o terreno objetivo das ciências positivas e estas mesmas. (HUSSERL, 1929, p. 2)

Posto isso, Husserl visa ir além da consideração última de Descartes. Realiza, “no pleno seguimento ao método cartesiano, a grande viragem que, feita corretamente, leva à subjetividade transcendental, a viragem para o *ego* como o solo apoditicamente certo e último do juízo, sobre o qual há de fundar toda a filosofia” (HUSSERL, 1929, p. 5). Pretende dar pleno sentido ao rigor filosófico cartesiano, pois Descartes havia buscado da mesma forma; é aquilo que ele designa como uma “verdadeira atitude fenomenológica”. É um voltar-se para um princípio substancial, que fosse capaz de se sustentar por si, diante do problema iminente que colocava a filosofia sob preconceitos psicológicos, a um ser essencialmente metafísico.

Entretanto, seguindo a ideia de Descartes, todas as coisas são frutos das relações subjetivas com o mundo, e foi isso que resultou de sua filosofia. “Numa palavra, todo o mundo concreto é para mim, em vez de existente, apenas um fenômeno de ser” (HUSSERL, 1929, p. 6). Isso faz com que o mundo das experiências, dos dados já constituídos por si, seja concomitantemente submisso a um Eu solipsista. Sendo ele e para ele mesmo o fundamento da realidade. Além disso, ao questionar todas as possibilidades de um conhecimento, sendo todas esgotadas e sobrevivendo apenas o *ego* que tem validade em si próprio, tudo além deste Eu pode ser compreendido como horizonte para uma pretensa ciência, marcada por um rigor já indispensável. Contudo, assegurar o conhecimento apenas pela racionalidade do sujeito pode comprometer a própria validade do mesmo.

Este problema em Descartes, do Eu como absoluto em si, causou em Husserl um descontentamento, pois encontrou nele muitos preconceitos e influências que o condicionaram àquelas afirmações (HUSSERL, 1929, p. 8). Além disso, para Husserl o grande “erro” de Descartes está em não levar a cabo o próprio método que propôs (HUSSERL, 2012, p. 60), pois para ele, o *ego* de Descartes também deveria passar pelo método de redução, ou seja, pela dúvida metódica. O “Eu” de Descartes acaba deixando de lado os outros “eus”, porque as coisas que se dão nas *cogitationes* do *cogito*, reclamam para si uma objetividade. Então, fazendo uma redução fenomenológica pela *Epoché* do próprio “*ego sum*”, leva adiante a intenção de Descartes, fazendo com o Eu solipsista aquilo que fez com tudo passível de questionamento. Já que em Descartes:

Permaneceu-lhe oculto que todas as diferenças tais como eu e tu, interior e exterior, só se "constituem" no *ego* absoluto. Compreende-se, então, por que Descartes, na sua pressa de fundamentar o objetivismo e as ciências exatas como proporcionando conhecimento metafisicamente absoluto, não se propôs a tarefa de questionar sistematicamente o puro *ego* [...]. (HUSSERL, 2012, p. 66)

Por isso, buscando aprofundar as resoluções de Descartes, com grande esforço e aperfeiçoamento do seu método, Husserl, por meio da redução fenomenológica (*epoché*) do *ego*, chega à conclusão que faltou em Descartes, ou seja, que a consciência só pode ser consciência, quando é consciência de algo. Isso é o desvelamento da intencionalidade da consciência, ou seja, "a consciência, só é consciência de alguma coisa" (ZILLES, 2016, p. 26). Portanto, há "uma existência intencional do objeto na consciência" (GILES, 1975, p. 22).

Husserl quis se manter fiel ao radicalismo da "autorreflexão", partindo do princípio da pura intuição que é aquilo dado ao *ego* de modo imediato, evidenciado através do método da *Epoché* (HUSSERL, 1929, p. 8). A própria consciência, quando é consciência de si, é consciência de si como objeto (GILES, 1975, p. 87). Portanto, a consciência como intencionalidade revela um outro presente a ela, algo que correlacionou com o estado de atenção dela mesma. Por isso, só há consciência quando algo preenche a intenção, nesse sentido, o preenchimento de algo intencionado é a consciência como ato.

Foi por meio de Descartes que Husserl descobriu a transcendência do *ego*, que vai além do *cogito* solipsista. Aplicou a *epoché* ao Eu, que "consiste em fazer a exegese de si mesmo, isto é, em mostrar como toda verdade formulada se enraíza na vida primitiva da consciência" (1975, p. 81) onde está a intencionalidade. Pela redução chega-se ao Eu, e colocando-o sob a *epoché*, evidência o dado "puro" do sujeito do ato de se direcionar para, de estar ocupado com, de se posicionar em relação a atos como 'raios' em direção ao Eu, ou que partem do Eu. Para Husserl, Descartes não vê o erro de atribuir ao *ego* a validade objetiva e definitiva do mundo, pois o modo de ser do *ego*, como coisa que pensa, já é a de ser uma coisa que pensa algo (HUSSERL, 2012, p. 314). Por isso, toda atividade da consciência é intencional, pois tem como princípio pensar sobre uma coisa.

[...] Perceber é percepção de algo, por exemplo, uma coisa; julgar é julgar um estado-de-coisas; valorar uma relação de valor; desejar, uma relação de desejo; etc. O agir se volta para a ação, o fazer para o feito, amar para o amado, alegrar-se para o que alegra etc. (HUSSERL, 2006, 190)

Sendo assim, o *cogito* de Descartes (coisa que pensa) não pode ser tomado como princípio fundamental do conhecimento; já que a consciência só é consciência quando se refere a algo, pois “cada *cogito* tem em si como visado o seu *cogitatum*” (HUSSERL, 1929, p. 11). Isto é, para cada intenção, entendida como indagação da consciência (*cogito*) ou pensamento sobre, tem algo que pode ser pensado (*cogitado* sobre). Para Husserl, Descartes "errou" em aceitar o *ego* do *cogito* como se fosse uma “alma-substância” (GILES, 1975, p. 25), sendo anterior a tudo e independente. Por isso, Husserl quer ir além da ideia de Descartes de que a única certeza aceitável e princípio indubitável é a consciência, e que tudo o mais é resultado da relação de consciência e objeto, aos quais inferimos juízos para os fundamentar na realidade. Por isso, a concepção de que o sujeito racional (como ato consciente) seja algo por si mesmo uma evidência, não deve ser tomada como único princípio indubitável, já que a consciência é sempre consciência de algo. Portanto, não pode haver um *ego* absoluto em si mesmo separado da realidade do mundo *cogitado*. Para aprofundar vamos nos atentar à atitude fenomenológica.

3 ATITUDE FENOMENOLÓGICA

A partir desta sincera, mas não suficiente elucidação de Descartes, onde a redução pela dúvida chegava ao Eu pensante, Husserl, adota a *epoché*⁷, ato fundamental para seu método que já estava presente no trabalho de Descartes. A *epoché* é, portanto: “atitude desvinculada de qualquer interesse natural ou psicológico na existência das coisas do mundo, ou do próprio mundo na sua totalidade” (ABBAGNANO, 2003, p. 339). Permite observar o mundo circundante como "*mundo das coisas*", dado de imediato com todas as suas características daquilo que está presente ao nosso redor (HUSSERL, 2006, p. 75). É de fato, ato de deixar as coisas falarem.

A *epoché*, sendo atitude de colocar entre parênteses qualquer noção de existência *espaço-temporal*, permite a abdicação de juízos sobre as coisas. É aí, na exegese da consciência, que Husserl encontra a tal intencionalidade, ou seja, no desvelamento da consciência, descobriu-se que ela fala de coisas que a ela se anuncia e que vem preencher a intenção. Uma

⁷ “Mais exatamente: suspensão do juízo. Método observado pelos filósofos da escola cética de Pírron, que, considerando que tudo é duvidoso, nunca pronunciavam nenhum julgamento sobre qualquer coisa, tencionando com isso obter a *ataraxia*, ou tranquilidade de espírito” (GOBRY, 2007, 58).

realidade que não se limita à consciência, pois a intenção é o ímpeto que tende a tornar-se algo consciente (como estando em foco) ou não. Ou seja, a consciência não é nada sem o intento (interesse) que tende a algo. "Portanto, a consciência não é um lugar físico, nem um lugar específico, nem é de caráter espiritual ou psíquico" (BELLO, 2006, p. 45).

A ideia de intencionalidade já era presente na filosofia de Brentano⁸, mestre de Husserl. Brentano contribuiu muito com o desenvolvimento da Fenomenologia, não de forma direta, mas indiretamente, com uma separação dos "fenômenos físicos", isto é, separando os dados da sensação, dos "fenômenos psíquicos", como, por exemplo, a forma dos objetos sendo característica da intencionalidade da consciência que se debruça sobre algo. A intencionalidade revela que só podemos conhecer com o ato da intenção, como "atividade" da consciência e a factual ligação de fenômeno mundano e consciência que se direciona. Portanto, nas palavras de Husserl, [...] "*intencionalidade* não significa, então, outra coisa senão esta propriedade universal e fundamental da consciência de ser consciência de qualquer coisa, de transportar em si, enquanto *cogito*, o seu próprio *cogitatum*" (HUSSERL, 2013, p. 71)⁹.

Mas o que resta do mundo como coisa existente se a *epoché* sujeitou tudo a algo parecido como ceticismo, onde não se pode confiar no que parece ser conhecido? Ressaltamos que a *epoché* não é uma negação da existência das coisas, como questionava Descartes na dúvida metódica, em relação àquilo que vem pelos sentidos; mas, apenas um ato de colocar "*fora de ação*" aquilo que se tem como convicção sobre o que percebemos do

⁸ Franz Brentano (1838-1917), nascido em Maremberg (então império austro-húngaro). Foi sacerdote católico e professor em Viena, mas deixou o sacerdócio – sem deixar de lado suas convicções filosóficas – com grande influência na filosofia tomista de sua época. Brentano toma como modelo as ciências da natureza, invoca a tradição de Descartes e Leibniz, de Santo Tomás e, principalmente, de Aristóteles. Renova o aristotelismo em uma época que estava quase abandonado. Fez contribuições tanto no campo da ética quanto da filosofia.

A noção de *intencionalidade* é resgatada por Brentano da escolástica [...]. "A Idade Média – sobretudo Avicena – conheceu um caráter dos fenômenos psíquicos que depois foi esquecido; era o que chamavam de *inexistência intencional* (em que o *in* significa *em* e não negação; *existência em*), ou simplesmente intencionalidade. Brentano retomou esse caráter, dando-lhe um alcance e uma previsão que não teve a Escolástica" (MARÍAS, 2004, p. 413-414). Essa ideia de *intencionalidade* foi o ponto de partida de Husserl no desenvolvimento da Fenomenologia.

⁹ O termo *intencionalidade* é central na Fenomenologia. Husserl faz advertências sobre a má compreensão que se tem sobre esse aspecto e sobre a presente diferença em relação a Brentano. Na concepção brenteniana, de onde Husserl extrai essa questão, a intencionalidade se denomina como uma atividade de fenômenos psíquicos. Essa intencionalidade é a atividade psíquica, um ato de referência a um conteúdo como atos representativos. A intenção aqui se denomina com caráter de ato (atividade) de representação. E os 'fenômenos psíquicos', relação entre os objetos perceptivos representativos e a consciência (HUSSERL, 2015, p. 314-325).

Na designação de Husserl, a Intencionalidade está como o conjunto das *vivências intencionais*, que correspondem a uma diferenciação dos aspectos denominados presentes na intencionalidade. A *intenção* está como "visão", como ter em vista algo. Os *atos* aqui correspondem às vivências intencionais e não como mera atividade psíquica. Além disso, a *vivência intencional* é "simplesmente elemento constitutivo, integrante real ou momentâneo, na unidade do indivíduo psíquico" (2015, p. 314-325).

mundo real (HUSSERL, 2006, p. 81). Para toda a Fenomenologia de Husserl, a intencionalidade da consciência é uma “orientação consciente, a ordem de um objeto”. É uma espécie de atenção direcionada em relação a uma existência que se mostra a si mesmo em suas orientações possíveis, que neste sentido, são “queridos” pelo *intento* (BRUGGER, 1962, p. 300).

Para Husserl, o próprio método da dúvida empregado por Descartes deve ser compreendido como uma “*simulação*”, onde a existência da coisa não está em xeque, pois este ato de duvidar exige algo a ser duvidado (HUSSERL, 2006, p. 79), como mostrou a intencionalidade da consciência, já que concomitantemente não posso duvidar do que não existe de alguma forma. Portanto, é necessário ter em mente que a redução fenomenológica está relacionada à abdicação de preposições judicativas do estado das coisas para mim e não de seu estado efetivo de existência em relação a mim. É, dessa maneira, como afirma Giles, um “instrumento de depuração” na busca de evidências apodíticas (GILES, 1975, p. 159).

Entende-se então, que esta tomada de decisão como atitude (*epoché*) não remete a uma negação do real dado ali, nem de uma relativização do princípio existencial para mim, mas a uma abdicação de pré-conceitos sobre ele, já que é uma busca de sentido da coisa que está presente. Entretanto, aqui há de fundamentar-se muitas críticas a Husserl, principalmente ao associá-lo a um “idealismo fenomenológico”¹⁰, como um retorno ao Kantismo, o qual combateu e lutou para não cair. Como se houvesse abandonado sua maior característica que era a virada objetiva (STEIN, 2019, p. 155).

Ao partir do eu solipsista de Descartes e com afirmações que o próprio Husserl expressa como algo que poderia fundamentar um idealismo a modo Kant, muitos leitores de Husserl, buscam caracterizá-lo por uma “fenomenologia idealista”, ligando-o diretamente a Kant como quando afirma: “uma realidade absoluta vale exatamente o mesmo que um quadrado redondo” (HUSSERL, 2006, p. 129); como se as coisas que se aprenderam no mundo de forma orgânica fossem apenas para uma consciência, como se ela fosse a constituidora da realidade fora da consciência, já que se tratava de estudar como as coisas se apresentam a ela.

¹⁰ Para Wolff, primeiro a empregar esse termo no sentido gnosiológico, ser idealista significa admitir que os corpos têm somente existência ideal em nosso espírito, negando assim a existência real dos próprios corpos e do mundo (ABBAGNANO, 2018, p. 607). Por isso, [...] significa uma concepção que supõe uma dependência do mundo em relação a uma consciência que o conhece (STEIN, 2029, p. 43). Foi atribuído a Husserl um idealismo pela aproximação com Kant em relação ao sujeito transcendental no desenvolvimento da Fenomenologia.

Há que ressaltar, porém, que seus discípulos defenderam Husserl quando acusado, uma delas é Edith Stein¹¹, uma das principais alunas e secretária de Husserl que fora seu mestre (STEIN, 2019, p. 13). Stein aponta equívocos quanto a esta acusação, enfatiza que essas noções de Husserl não seriam tão relevantes assim para a Fenomenologia, e não afetam a centralidade da proposta fenomenológica, afirmando ser até uma "expressão de efeito que partiam de suas aulas" (2019, p. 43).

No entanto, a questão do "idealismo transcendental" é bastante mais complexa. A tese idealista segundo a qual "o mundo depende da consciência", atribuída nem sempre de maneira correta a Husserl e contestada por alguns discípulos dos tempos de Gotinga e de Munique, não seria, segundo Edith Stein, uma condição *sine qua non* da fenomenologia, sequer para o próprio Husserl. (STEIN, 2019, p. 35)

Husserl ainda afirma (2006, p. 115) que aquele ser que se exhibe não é necessário para o ser da própria consciência, "*nulla 're' indiger ad existendum*" ("não carece de coisa alguma para existir"). Embora essa "infeliz expressão", como afirma Stein (2019, p. 43), não se justifica a ideia de que a existência seja subjetiva e fruto da consciência¹² e que o cancelamento da mesma significaria cancelamento do mundo, pois a "consciência não é demiúrgica" (STEIN, 2019, p. 18), mas, é antes de tudo esta essência na consciência, caminho pela qual se pode perceber o que está além de mim. Portanto, a coisa que aparece sensivelmente, pois tem formas sensíveis, cores, propriedades olfativas e gustativas, é tudo menos um signo de uma outra coisa (coisa na consciência), "mas é, de certo modo, signo de si mesma" (HUSSERL, 2006, p. 123). Além disso, Husserl faz referência diretamente a um realismo que a *epoché*, pela redução, chega ao *ego* como instância funcional, por isso afirma:

¹¹ Edith Theresa Hedwing Stein (1891-1942), nasceu no território alemão de Breslau. Filha de judeus, estudou na faculdade da Breslavia. Na faculdade leu as *Investigações Lógicas* de Husserl. Foi para Gotingen conhecer e estudar Fenomenologia. Assim, se tornou assistente e orientanda e uma das principais alunas (STEIN, 2019, p. 12-13). No círculo fenomenológico de Gotingen, fez leituras diversas. Lendo o "*Livro da Vida*" de Santa Teresa D'ávila, começou sua conversão ao catolicismo (p. 15). Ministrou pedagogia na Universidade de Friburgo e de Breslavia. Aos 42 anos ingressou no Mosteiro de Colônia e consagrou-se como Tereza Benedita da Cruz. Entre 1934 e 1936, redigiu a obra "*Ser Finito e Eterno*" - *Endliches und ewiges Sein: Versuch eis Aufstiegs zum Sinn des Seins*. Em 1942 foi capturada e levada como prisioneira pelos Nazistas a Auschwitz, onde morreu aos 51 anos.

¹² Como afirma Ales Bello: "A preeminência do ser humano em relação às coisas, consiste no fato de que, conhecendo e utilizando, ele refere tudo a si, através da constituição, que estabelece a unidade-distinção entre nós e o mundo, o mundo que é destinado para nós exatamente através de tal Constituição. Este é o sentido no qual Husserl usa a expressão "idealismo transcendental". Todavia, dado que o mundo não é produzido por nós e nem também nós produzimos a nós mesmos, pode-se legitimamente introduzir aquela outra expressão "realismo transcendental". Não se trata, porém, do mundo externo que se deve ir explorando, mas de um mundo que nasce para o sujeito contemporaneamente com o processo da sua exploração" (BELLO, 2019, p. 123).

De antemão, está o mundo, que permanece sempre previamente dado e indubitável na certeza de ser e na autoconfirmação. Ainda que não o tenha "pressuposto" como o solo, ele é, no entanto, para mim, o eu no cogito, válido a partir de uma permanente autoconfirmação, contudo o que ele é para mim, ora objetivamente justificado no seu pormenor, ora não, e também com todas as ciências, artes, com todas as figuras e instituições sociais e pessoais, porquanto este é previamente o mundo que para mim é um mundo efetivo. Não pode, por isso, haver realismo mais forte, se esta palavra não diz mais do que: estou certo de que sou um homem que vive neste mundo etc., e disto não duvido minimamente. (HUSSERL, 2012, p. 153)

Tudo isso faz parte da própria questão da intencionalidade que, para Husserl, gera relações reais entre pessoas e outras realidades (HUSSERL, 2012, p. 190). "Quer se trate de ser ou de aparência, isto em nada altera, de fato, a consciência: "esta árvore aí", que leva a cabo, então, aquela simples certeza que pertence à essência do perceber, precisamente a da simples existência (*dasein – existir aí*)" (2012, p. 191). Husserl ainda afirma: "o objeto não está, em geral, diante do olhar, apenas como 'ele mesmo' e como 'dado' para a consciência, mas como puro dado de si, inteiramente, como ele é em si mesmo" (2012, p. 149). Muito empenho ele dedicou na quarta seção da *Idéias para uma Fenomenologia pura e para uma Filosofia Fenomenológica (1913)* à relação da consciência com o objeto para chegar na clarificação, que para ele, está no aparecer do "objeto verdadeiramente existente" (HUSSERL, 2006, p. 316).

A todo objeto "verdadeiramente existente" corresponde por princípio (no *a priori* da generalidade eidética incondicionada) a ideia de uma consciência possível, na qual o próprio objeto é apreensível originalmente e, além disso, em perfeita adequação. Inversamente, se essa possibilidade é garantida, o objeto é *eo ipso* verdadeiramente existente. (2006, p. 316)

É notável que Husserl não está questionando a validade do mundo circundante objetivo, dado em si mesmo e que se manifesta para uma consciência. Há prevalência em Husserl, ao se tratar dos dados da experiência, um realismo em diversas posições, ao afirmar por exemplo: "dado em forma perceptiva" em vez de "percebido", e ainda mais, ao fazer referência ao que se manifesta: este está "apto a ser percebido" (2006, p. 149). Além disso:

Quem quiser convencer-se de que é possível desenvolver, com os meios do método fenomenológico, uma filosofia da mais rigorosa objetividade e com uma tendência fundamentalmente realista, leia os trabalhos dos discípulos mais importantes de Husserl: Adolf Reimach (*Obras completas*, Halle, 1921) e Hedwig Conrad-Martius, de Bergzabern (*A ontologia e a doutrina sobre o aparecer do mundo circundante real e Ontologia real*, /90/ publicados respectivamente nos números 3 e 6 do anuário *Diálogos metafísicos*, Halle, 1921. (STEIN, 2019, p. 44)

Husserl, ao tratar da relação da consciência e objeto, como na descrição do ato de intencionalidade do eu, aponta que o cogito, por essência, "possui, no sentido eminente, 'direção' a uma objetividade" [...] (2006, p. 289). Isso porque faz referência ao visado como tal da intencionalidade, evitando assim expressões subjetivas. Por isso, a redução fenomenológica não se abrevia ao dado simples do *cogito*, nem somente está presa à esfera do *intentar para*, do *falar de* ou do simples perceber, mas está ligada à esfera do sentido em que algo é exatamente o que é por si (como doação por si) ao ser visado. É a restrição “à esfera da pura evidência”, que exclui a evidência mediada (HUSSERL, sd. p. 90).

Husserl, por influência Aristotélica e Kantiana, propõe uma realidade transcendental para aprofundar a efetivação das coisas na realidade da consciência, já que a intencionalidade revelou uma existência dos atos psíquicos da presença das coisas na mesma quando são visadas. Assume a ideia de *mundo das realidades eidéticas*, mundo das essências (*eídos-forma*)¹³, não como pensamos em nossa etimologia, onde ideia parece ser abstrata, como se não tivesse "substância", ou fosse uma hipótese vazia de ser, mas, ao contrário, deve ser entendida como substância; essência da coisa em si (ABAGGNANO, 2018, p. 1091). Além disso, o idealismo moderno que considerava os dados do conhecimento como tendo natureza mental, não pode ser atribuído a Husserl, pois nela há uma visão diferente de essência (ideia), fazendo referência a *eídos* grega. Desse modo, a Fenomenologia se apresenta como uma ciência das essências eidéticas. Nas palavras do próprio Husserl:

[...] ela quer ser uma doutrina eidética *descritiva* dos vividos transcendentais puros em orientação fenomenológica, e como toda disciplina descritiva, que não opera por subtração nem por idealização, ela tem sua legitimidade em si. O que quer que possa ser eideticamente apreendido nos vividos deduzidos em intuição pura – quer como componente real, quer correlato intencional – será próprio a ela, e tal é para ela uma grande fonte de conhecimento absoluto. (HUSSERL, 2006, p. 161)

Na realidade transcendental, a consciência está como ser individual, com “os vividos puros e a consciência pura de seu eu puro” (HUSSERL, 2006, p. 82). É este correlato da consciência com o mundo sem a extensão dos juízos, onde posteriormente se farão *cogitationes*. Portanto, considera-se aí os atos vividos, as experiências reais no mundo real (o

¹³ Deriva do verbo arcaico *eídomai*, que significa apareço (sou visto). Sentido primeiro: aspecto, aparência. Sentido filosófico: significa essência dos seres, tanto no sentido platônico como aristotélico (GOBRY, 2007, p. 49).

eu que vive algo), seja ele intencionalmente consciente ou não, no fluxo dos vividos (2006, p. 82-89).

Um esclarecimento se faz necessário ao falarmos de essência das coisas. Vamos elucidar um princípio que pode dar abertura a erros, ao qual a *epoché* permite observarmos. Tomemos um exemplo comum: se vejo diante de mim uma coisa que chamo de copo, ao perguntar para quem o vê, ele dirá que vê um copo. Mas, se colocarmos essa experiência de ver sob a *epoché*, então o que vejo é o que é (uma coisa aí). Quando falo: "vejo o copo", já é uma consideração resultante da intuição, do correlato entre o simbólico e o referencial de uma consciência, de um vivido de um copo experimentado, e da consciência que constata pela intencionalidade e que busca significação, e então o chamamos-lo copo. Mas se dissermos: "vejo um copo", para alguém que não considera aquele significado (signo de referência), ela irá afirmar ser outra coisa, aí somos tentados a afirmar que o copo (coisa ali) é relativo, pois cada um pode dizer ser uma coisa diferente quando o vê. Isso tudo, porém, são vividos de experiências diferentes, de um mesmo vivido puro, são simples signos e significados de um mesmo, que se dá na experiência imediata intuitiva em vários modos, porém, aquilo que é categoricamente visto, é sempre um dado comum.

A *redução eidética*, se dá pela busca da rigorosa fundamentação da Fenomenologia em uma "pureza" sólida. Por isso, as questões eidéticas, como da geometria e conceitos, também ganham seus parênteses. Tiramos de circuito, pela *epoché* as formas espaciais, movimentos, cor etc. e também "as sensações" qualidades de caráter, e tudo que está relacionado às ciências empíricas e ao espírito que correspondem a ciências eidéticas (HUSSERL, 2006, p. 137).

Em sua imanência, portanto, ela não tem de firmar nenhuma posição de existência de tais essências, não tem de fazer enunciado algum sobre a validade ou invalidade delas, ou sobre a possibilidade ideal das objetividade a elas correspondentes, nem de estabelecer leis de essência a elas referentes. (2006, p. 137)

Pela atitude da *epoché*, há uma nova forma de experiência, que é transcendental, (MARIÁS, 2003, p. 460), pois deixa de lado até mesmo as ciências do mundo, onde a evidência da consciência em si, do *ego*, se dá pela própria relação com as vivências experimentadas. Este "Eu" é propriamente dito um "resíduo fenomenológico" (ABBAGNANO, 1970, p. 117), com um caráter totalmente apodítico e puro. Assim, o solo da experiência fenomenológica reside em uma pureza de natureza própria.

[...] esta inibição universal de todas as tomadas de posição frente ao mundo objetivo que se torna justamente o meio metódico pelo qual me apreendo puramente como aquele eu e aquela vida da consciência na qual e para a, qual todo o mundo objetivo é para mim, e é tal como para mim é. (HUSSERL, 1929, p. 8)

Esta *epoché* é este ato de abdicção de qualquer juízo feito a qualquer coisa. É uma *redução fenomenológica* é efetiva quando nos relacionamos diretamente com o fenômeno. De fato, é uma busca por desvendar profundamente o que está oculto na aparência das coisas, buscando nela o seu sentido último. Tentando ver as coisas como elas realmente são. Isto, acarretará a outra conclusão de Husserl: “a *epoché* fenomenológica nos desvelou o *eu sou*, certamente apodíctico, em uma nova e infinita esfera de ser e, claro está, como uma esfera de uma nova experiência, de uma experiência transcendental” (HUSSERL, 1929, p. 10). Portanto, esta atitude que a Fenomenologia exige, conduz à clarificação de que a consciência é sempre preenchida. É importante agora averiguar esta dimensão da realidade transcendental da consciência.

4 REALIDADE TRANSCENDENTAL

É a partir deste ser transcendental como realidade dentro de mim, na minha consciência, ou seja, o fenômeno na consciência, que chamo de realidade interior, que chegase à clarificação daquilo que me é exterior (GILES, 1975, p. 180). Essa redução transcendental se dá pela busca da claridade absoluta que as ciências naturais do meio transcendente não podem alcançar (HUSSERL, sd. p. 25). Esse aspecto transcendental não sendo uma realidade fora de mim, revela que o fenômeno que aparece é como essência que se manifesta na consciência que se direciona a uma *eídos*. Como um direcionamento para além dos limites da experiência sensível, já que se volta para o vivido (coisa na consciência). Neste sentido, é pelo “eu” da consciência transcendental (como consciente de algo), que Husserl busca a essência das coisas. É o que desenvolverá naquilo que chama de “*essências eidéticas*”.

Esta visão de essência ocorre por meio da percepção. Considera-se a realidade como fato, como mundo natural. Mundo este que tem em si *uma forma de doação originária*, que nos permite percebê-lo como coisas (*ente*¹⁴). Porém, é indo além da orientação natural, isto é, se

¹⁴ Sobre *ente* na Fenomenologia, “diz Heidegger: chamamos de *ente* muitas coisas, em sentidos diferentes. *Ente* é tudo aquilo de que, de um modo ou de outro, nos referimos; *Ente* é também o que e como nós mesmos somos

direcionando para a orientação fenomenológica onde o mundo ganha parênteses, que se pode perceber que todo ato perceptivo é percepção que ganha sua própria característica de ser a minha vivência. Além disso, a percepção distingue-se em duas condições, a externa, do mundo físico e a interna, que corresponde ao estado de consciência, e isso se alcança pela redução transcendental. Portanto, o dado físico percebido difere do percebido consciente, sendo formas vivências pertencentes ao Eu.

O mundo dos fatos (fenômenos) é percebido em individualidades, isto é, percebemos partes dos fenômenos que se dão em essências próprias, mas poderiam ser diferentes pela possibilidade, por uma contingência. Isto se mostra no mundo quando percebemos as coisas em sua singularidade, mas também sem relação necessária. Já que as “essências não podem ser derivadas das aparências, podem apenas ser vistas ou intuídas nas aparências” (GILES, 1975, p. 161). A partir disso, o fenômeno que está no mundo expressa um caráter de *necessidade eidética*, “que faz parte do sentido de todo contingente ter justamente uma essência e, por conseguinte, uma *eidós* a ser apreendida em sua pureza”, uma intimação “*a priori*”. A matemática, por exemplo, é uma ciência que percebemos essencialmente na generalidade, ou seja, mesmo não abarcando toda a possibilidade de conhecermos a matemática, podemos saber que ela tem por si uma unidade própria.

Por exemplo: todo som tem em si e por si, uma essência e, acima de tudo, a essência geral “som geral”, ou antes, “acústico em geral”, a ser extraído por intuição do som individual [...] toda coisa material tem sua conformação eidética própria e, acima de tudo, a conformação geral, “coisa material em geral”. (HUSSERL, 2006, p. 35)

É na passagem da essência do objeto individual para a sua generalidade necessária, que a consciência percebe por imediato aquilo que se dá. É a experiência verdadeira e concreta que ocorre na relação com o mundo. É evidência nascida da experiência, é um visar daquilo que é, a partir de uma purificação do vivido fenomenológico. Desse modo, é encontrado o “ser fundamental” dos fenômenos. As visões de essência se dão em categorias na percepção, daquelas visadas no singular e intuídas também no geral (HUSSERL, 2006, p. 50). Portanto, o visar das essências é um ato de “prestar a atenção”, considerando de antemão a intencionalidade. Isto é, momento em que conduz a faculdade da razão consciente, seja

[...]” (ABBAGNANO, 2018, p. 387). Esse termo é majoritariamente usado por Husserl ao se tratar da realidade das coisas. Faz parte da tradição aristotélica que tem grande influência na Fenomenologia de Husserl.

instintiva ou voluntária, em direção à coisa (em-vista) que se oferece ao eu puro ainda não consciente.

Vale ressaltar que esta visão de *eidos* não se trata de um produto da consciência, mas captação de sentido, como quando alguém bate na mesa, aí o som é percebido antes mesmo de ser racionalizado, ou seja, o ato da percepção é a intuição direta de uma coisa ali, e se é, é por si mesma uma essência que se dá no som, no modo da essência singular, aquele mesmo ali, e na categoria geral, som geral (BELLO, 2006, p. 22). Há de se legitimar, já de antemão, esta percepção imediata e a retenção daquilo que vêm dado à consciência (HUSSERL, 2006, p. 173). Este sentido da coisa como essência vem pela retenção do fenômeno que se dá pela apreensão intuitiva da coisa “em si”. Como possibilidade que se doa em seu modo de ser ali como é e não de outra forma. Exemplo:

Se uma cor (que não pode ser percebida sem extensão) tão pouco pode ser pensada sem uma certa extensão, é que pertence à essência da cor se dar com extensão. A essência se definirá então como uma “consciência de impossibilidade”, isto é, como aquilo que é impossível à consciência pensar de outro modo: “o que não se poderia suprimir sem destruir o próprio objeto, é uma lei ontológica de seu ser, pertence à sua essência”. (DARTIGUES, 2005, p. 33)

As essências, segundo a concepção fenomenológica de Husserl, são “o sentido dos fenômenos que podem ser percebidas de alguma forma por transparência” (DARTIGUES, 2005, p. 19). “Não existe, com efeito, nenhum fenômeno do qual possamos dizer que ele não é nada, pois o que não é nada, não é” (2005, p. 19). Sendo assim, a essência das coisas pode ser percebida por imediata intuição, a consciência dela ocorre quando prestamos atenção na coisa. É a experiência perceptiva consciente da busca por sentido, alcançada pela redução transcendental. Para elucidar a evidência destas essências, tomemos a IX sinfonia de Beethoven como exemplo:

Esta pode se traduzir apenas impressões que experimento ao executar este ou aquele concerto, pela escritura desta ou daquela partitura, pela atividade do regente da orquestra e de todos os músicos etc. Em cada caso poderia dizer que se trata da nona sinfonia e, contudo, esta não se reduz a nenhum desses casos. A essência da nona sinfonia persistiria mesmo se as partituras, orquestras e ouvir viesse a desaparecer para sempre. Ela persistiria, não como uma realidade, como um fato, mas como uma pura possibilidade. [...] Vemos que a intuição da essência se distingue da percepção do fato: ela é a visão do sentido ideal que atribuímos ao fato materialmente percebido e que nos permita identificá-lo. (DARTIGUES, 2005, p. 20)

Este exemplo esclarece que a essência da coisa não se traduz em aparência, nem em qualidades ou formas; mas em um “*puro possível*” (DARTIGUES, 2005, p. 20), ou seja, a essência da coisa é a pura possibilidade de a coisa existir, pois mesmo que Beethoven nunca tivesse composto a IX Sinfonia, ela existiria por ser possibilidade; portanto a essência não está no aparecer de algum modo, mas no ser possível da coisa que se manifesta no fato aparente. Logo, consideradas em si mesmas, as essências são, com efeito, imutáveis e eternas, logo, a essência da IX Sinfonia existiu e existirá sempre, pois a possibilidade da existência é a essência em um modo de ser para si mesma, que precede o próprio modo de existência da coisa naquilo que chamamos de espaço-tempo como realidade. A essência aí, se dá como uma evidência apodítica na perspectiva transcendental (HUSSERL, 2006, p. 101). A razão não é o preâmbulo para o conhecimento, mas a própria capacidade de perceber intuitivamente.

[...] O pensamento simbólico, o pensamento por signos, tão comum, já que se exerce cotidianamente na linguagem, remete também a essa mesma percepção: a intenção significante, com efeito, só tem sentido se ela se refere a uma experiência que virá ou ao mesmo poderia vir preencher o vazio da intenção, [...] Significar é antecipar pela mediação de um signo a experiência intelectual ou sensível [...] Mas é óbvio que a palavra não é a coisa: se a palavra antecipa tal experiência, é que esta ainda não se realizou ou, ao menos, não me está inteiramente presente quando a viso por intermédio do signo. Este “aponta em direção” ao objeto atualmente ausente, sendo a significação como que a de-significação vazia de uma presença que ela chama para receber sua plenitude. (DARTIGUES, 2005, p. 78-79)

Tomando a percepção como princípio, podemos abdicar de juízos que se resumem a linguagens e expressões que buscam dar identidade às coisas, que, de tal modo, conseguem relativizar a unicidade e a veracidade da evidência intuída. Estando as “coisas mesmas” presentes diante de nós, nelas “há uma perfeição apodítica que confere a indubitabilidade absoluta, da mesma ordem da que possuem os princípios. Porém, a evidência do mundo não é apodítica, mas parte do *ego cogito* é apodítico” (MARIÁS, 2004, p. 460), então, por esse eu se alcança a percepção daquilo que está dado, como afirma Husserl, da coisa que está aí, “*em carne e osso*” (HUSSERL, 2006, p. 37).

Desse modo, perceber a realidade é percebê-la como ela realmente se dá a nós. De fato, ela nos conduz ao transcendental na busca pelo sentido, e este sentido das coisas se dá por meio delas; é dado a nós por meio delas em si mesmas, a sua essência e sua finalidade. Pois a IX sinfonia de Beethoven, só pode ser ela mesma, indiferente do papel no qual ela é escrita ou do qual instrumento no qual é tocada, ou ainda, de como a nomeio, isto é, o modo

como ela se manifesta (se anuncia). Ela é aquilo que é, enquanto possibilidade de se doar como tal ou de outro modo. O sentido então, é o "objeto no 'como' de suas determinações" (2006, p. 292), ou seja, o sentido está ligado ao modo de doação da coisa, com seu conteúdo determinante pela condição de possibilidade.

A percepção intuitiva é incitada a buscar o sentido, o conteúdo da coisa que se permite aparecer. A tomada de consciência de algo difere da simples percepção. Em um primeiro momento, o ato perceptível, depois os atos reflexivos, o qual são reflexões dos atos perceptíveis estando na consciência, ou seja, quando nos damos conta do fato percebido e então refletimos sobre ele (BELLO, 2006, p. 31-36).

Os dados fenomenológicos são percebidos nas experiências, como quando estou sentado à mesa e tudo ali me é presente, como em uma "intuição de fundo", embora eu não esteja prestando atenção a tudo. De repente, esbarro em um copo e derrubo, isso não significa que ele não "existia ali como coisa". A diferença é que não estava na minha consciência como fato consciente, isto é, não era uma vivência percebida, ou seja, não havia atenção direcionada ao vivido interno. Além disso, os "vivididos" não precisam estar diretamente "sob o olhar", pois não carecem necessariamente de serem "notados". É isso, uma vivência de fundo. O (notado agora) existia fora de mim e passou a existir dentro como vivido que se tornou pertencente a mim quando tomei consciência dele e ao tocá-lo (HUSSERL, 2015, p. 28-29). Tudo está em correlação, entre as coisas do mundo e meu interior, como o copo que está sobre a mesa e em mim como vivência pura, nos modos possíveis de existência. Nesse sentido, "é um absurdo tentar colocar o nada num juízo de existência" (LAVELLE, 2008, p. 60).

Para Husserl, as coisas existem fora de mim e em mim (BELLO, p. 27). Fora, porque estão sendo no mundo, já que podem ser percebidas como "além de mim" como transcendente, no mundo, além da consciência. E existem em nós quando tomamos consciência da mesma (vivido intencional ou não, em foco ou fora de foco) como realidade transcendental, como imanente em mim. Isso significa que não é porque não percebo a coisa que ela não deva existir, pois se ela já não fosse (essência eidética) não poderia conhecê-la jamais, já que o ser precede o existir. Portanto, a realidade transcendental é constituída pelas vivências, ao passo que implica um ser percebido, existente.

5 NÓEMA E NÓESIS

Na correlação da consciência e do ser consciente se notam termos importantes que Husserl usa para explicar a relação entre vividos e aspectos de vivências das percepções, como o termo *nóema* e *nóesis*¹⁵. *Nóema* é, para Husserl, o "sentido" forte de algo percebido, "ora, o que há na percepção é justamente que ela tem o seu sentido noemático, o seu "percebido como tal" (HUSSERL, 2006, p. 209), aquilo que já chamamos de aparecer em carne e osso, como campo noemático (por aquilo que a consciência tem uma certa aptidão, certa inclinação). É visão noemática justamente a correlação entre a vivência efetiva com o percebido como tal.

O "percebido como tal" aí, tem sua propriedade de ser por essência própria, independentemente da 'conscientização' (tomada de consciência). O *nóema*, desse modo, é o campo da multiplicidade dos aspectos percebidos de uma unidade noemática (2006, p. 228). É fundamental entender estes aspectos da atividade da consciência, uma vez que são vividos de intencionalidade da consciência.

A título de exemplo, recorramos a uma experiência para nos auxiliar na compreensão: ao percebermos um copo em nossa mesa, podemos nos atentar para aspectos noéticos, isto é, para camadas noemáticas, por exemplo, quando prestamos atenção em um desenho, símbolo, cor, espessura, dureza, tamanho etc. Essas vivências noéticas fazem parte do campo noemático percebido. A unidade do vivido é o campo noemático, isto é, a visão do todo da unicidade do copo em nossa mesa, com todos seus aspectos e camadas percebidas ou não. A *nóesis* é o vivido da consciência. Por exemplo: quando praticamos um ato de valorar ou julgar, temos que compreender que há uma diferença aí. É diferente o "juízo emitido" (*nóema* = juízo tal como é), do "emitir um juízo" (*nóesis* = como essência do juízo no vivido da experiência interna com o juízo) (HUSSERL, 2006, p. 115).

O direcionamento do eu a algo, é visão de um *nóema*. E este "delimita manifestamente um conteúdo inteiramente preciso" em um campo noemático (2006, p. 290). É preciso também compreender que se trata de uma relação entre o que vem até mim, isto é, o *nóema* no modo de se mostrar para a consciência, com a atitude de se direcionar para. Portanto, não se trata do "como" vem (ficção, recordação etc.), mas "o" que vem. A *nóesis* é, neste parâmetro, o aspecto do dado da consciência como efetivação da vivência em relação ao dado noético. Diante disso, a atividade manifestada da consciência, se constitui por uma correlação entre o

¹⁵ *Nóema*: Pensamento. *Nóesis*: Razão contemplativa, intelectual (GOBRY, 2007, p. 98).

nóema e a *nóesis*, entre o dado que se mostra em unidade, em um sentido modal, e o aspecto vivencial do direcionar e ter em foco, e do trato dado ao que se mostra.

O que se nota a partir do campo noemático é que há repartições da atenção em relação aos modos de aparição das coisas, como quando há um ato de "privilegiar" momentos e modos de aparição, algo como: "notado primeiramente, ora, secundariamente, há pouco notado concomitante, ou não notado inteiramente, embora continue sempre a aparecer" (2006, p. 112)¹⁶. Husserl, nesse sentido, usa o termo *nóesis* para designar a essência do vivido próprio da consciência.

A visão de essência é real, mas os atos da experiência podem ser imaginários, ou ficções apenas, como, por exemplo, em um sonho, onde, por meio dos respectivos modos de consciência, vemos e experimentamos como que sensações, pois quando sonhamos, "produzimos figuras no espaço". Desse modo, as essências das figuras são reais, por isso o sonho parece real, mas são fatos não efetivos, pois são imaginários, considerando que "a imaginação pode ser tão perfeitamente clara que possibilita apreensões e evidências eidéticas" (2006, p. 152).

Porém, como distinguir se essas sensações e imaginações são ficções? Para Husserl (HUSSERL, 2006, p. 101), a diferença de estarmos sonhando ou acordados está no modo do vivido, ou seja, "uma diferença de princípio, no modo da doação" daquela essência do vivido. A "presentificação" na consciência da coisa vivida, como quando relembramos um sonho, se dá de um outro modo na consciência, pois no sonho essas vivências estão inteiramente presas ao psíquico. Ao contrário das vivências reais que se dão fora de mim e em mim, se dão de modo mais completo.

Façamos uso de um exemplo para apontar essas nuances da atividade da consciência: quando estou sentado escrevendo, estou prestando atenção no que escrevo. As coisas ao meu redor, como a mesa, a cadeira, ou um copo de água, "estão ali", presentes, eu percebo por intuição, não racionalizo, não estão em minha consciência, nem tenho consciência de

¹⁶ O que se pode notar em relação a isso é que a consciência direcionada é ato de dar-se conta, prestar atenção ao que "lhe vem como dado" (a manifestação da coisa que se oferece à consciência). Nesse sentido, o que aparece na consciência aparece de um modo. Por exemplo: quando olho para uma flor, ela se mostra no mesmo instante que me direciono a ela. Entretanto, algo me chama mais a atenção, a cor por exemplo (aquilo que é mais saliente no perceber). Este ato de "privilegiar", de dar atenção forte, como preferência, é uma atitude que demonstra o que em mim está "mais vivo". Por isso, noto a cor primeiro, secundariamente uma folha, deixando de focar a cor da flor que estava atualmente em foco (agora a pouco notada) que deu lugar ao foco da folha, embora continue a aparecer, pois posso voltar a consciência (atitude de prestar atenção-colocar novamente em foco) a cor da flor.

consciência delas. Porém, estão ali em presença total (modo do ser dar-se por seu campo noemático), visto que há uma certa convicção do espírito (da intenção) que não duvida do estado das coisas ao redor, aí a consciência não tende à dúvida, mas ao repouso.

Com todo esse arcabouço de descrições elucidadas, compreende-se que a *epoché* possibilita, justamente, esta relação imediata com a coisa em si, esta vivência, (*experiência perceptiva*) (BELLO, 2006, p. 26), pela qual suspendo as aparências sentenciadas pela linguagem comum e sistemática, pois está fora de foco. Então, é a coisa que se doa à consciência. É a visão de essência quando a intuição presta a “atenção”, e se percebe, percebe algo que está dado ali, isto é, a coisa em essência conforme seu modo de se mostrar. Esse posicionamento é fundamental para qualquer princípio de conhecimento, já que nos leva a uma íntima relação com o mundo, com uma característica de ser uma experiência verdadeira e marcada por uma sinceridade mútua.

Quanto à experiência fenomenológica, poder-se-ia dar inúmeros exemplos, até mesmo de um simples som quando ouvido. É desse modo que se dá a experiência da vida humana na realidade concreta, nas atitudes de ter em vista, de se ocupar com e colocar em foco o que está diante de si. Além desse direcionar-se da consciência, há também “intencionalidades inconscientes” (HUSSERL, 2012, p. 192), pelas quais podemos ter condutas inconscientes ou sentimentos inconscientes, tudo isso diz respeito à relação íntima da cognitividade em relação com o mundo circundante. Como experiência unívoca e indissociável da condição vivencial, que perpassa os aspectos conscientes sem deixar de ser presente, pois apenas não são colocadas em foco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho fora apresentado o método proposto por Edmund Husserl, a Fenomenologia, ou seja, sobre o conhecimento dos fenômenos, fatos da realidade. A busca por um solo indubitável fez Husserl voltar a Descartes. Entretanto, ele levou a fundo a investigação e apontou que a consciência (como *ego solipsista*) não garante que seja ele um dado puro e único princípio para fundamentar as ciências. Husserl, a partir da noção de intencionalidade, aborda a consciência como uma atividade da correlação entre o direcionar da mesma e aquilo à qual ela se direciona. Essa abordagem revelou que toda consciência é

consciência de algo, e por isso, pressupõe que não se pode separar a realidade da consciência dos dados da mesma.

Considerando o conhecimento das essências das coisas pelo método da *epoché*, proporcionou então, um solo para compreender as vivências autênticas que nos levam, de algum modo, a considerar como é de fato o mundo ao nosso redor sem juízos científicos e o sentido que este tem para nós e como se apresenta de muitas maneiras, a partir das atitudes da consciência e da sua relação com os modos das coisas se darem a ela.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 4ª tiragem. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revisada por Alfredo Bosi; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

BELLO, Â. A. **Introdução a Fenomenologia**. Tradução de Ir. Jacinta Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. Bauru, SP: EDUSC, 2006.

BELLO, Â. A. **O sentido das coisas**. Por um realismo fenomenológico. Tradução de José J. Queiroz. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 2019.

DARTIGUES, A. **O que é a Fenomenologia?** Tradução de Maria José J. G. de Almeida. 9ª ed. São Paulo: Centauro, 2005.

DESCARTES, R. **Discurso do Método**. 3ª tiragem. Tradução de Maria ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DESCARTES, R. **Meditações Metafísicas**. 1ª ed. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2016.

DUPRÉ, B. **50 Ideias de Filosofia que você precisa conhecer**. 1ª ed Tradução de Rosemarie Ziegelmaier. Editora: Planeta, 2015.

GILES, T. R. **História do Existencialismo e da Fenomenologia**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, S.L, 1975, v. 2.

GOBRY, I. **Vocabulário grego da filosofia**. Tradução de Ivone C. Benedetti. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

HIRSCHBERGER, J. **História da Filosofia Contemporânea**. Tradução e Prefácio de Alexandre Correia (catedrático da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo e da Pontifícia Universidade católica de São Paulo) 2ª ed. São Paulo: Editora HERDER, 1968.

HUSSERL, E. **A Ideia de Fenomenologia**. Tradução de Artur Morão. Rio de Janeiro: Edições 70. Sd.

HUSSERL, E. **A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental**. Tradução de Diogo Falcão Ferrer. 1ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 2012.

HUSSERL, E. **A Crise da Humanidade Europeia e a Filosofia**. Tradução e Introdução: Pedro M. S. Alves. Portugal: Universidade da Beira Interior Covilhã, 2008. (coleção: textos clássicos de filosofia).

HUSSERL, E. **Conferências de Paris** (Textos filosóficos 1929). Tradução de Artur Morão e António Fidalgo. s.l. LusoSofia. s.d.

HUSSERL, E. **Ideias para uma Fenomenologia pura e para uma Filosofia Fenomenológica**. Tradução de Márcio Suzuki. 2ª ed. São Paulo: Ideias e Letras, 2006.

HUSSERL, E. **Meditações Cartesianas e Conferência de Paris**. 1ª ed. Tradução de Pedro M. S. Alves. Rio de Janeiro Forense, 2013.

HUSSERL, E. **Renovação seu Problema e Método**. Texto publicado in Edmund Husserl, EUROPA: CRISE E RENOVAÇÃO. Lisboa, 2006, pp. 19-29, e publicado pela LUSOSOFIA.NET com a benévola autorização do Tradutor e Diretor da Coleção, Pedro M. S. Alves. Covilhã, 2008.

JOLIVET, R. **Curso de Filosofia**. Tradução de Eduardo Prado de Mendonça. 4ª ed. Rio de Janeiro: AGIR, 1959.

LAVELLE, L. **A Presença Total**. Tradução de Américo Pereira. s.d. s.l. Portugal: Universidade de Beira Interior Covilhã, 2008. (coleção textos clássicos de filosofia)

MARÍAS, J. **História da Filosofia**. Tradução de Claudia Berliner. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SANTOS, M. F. **Convite à filosofia e à História da Filosofia**. 6ª ed. São Paulo: Editora Logos, 1961 (enciclopédia de conhecimentos fundamentais).

STEIN, E. **Ser Finito Ser Eterno**. Tradução de Zaira Célia Crepaldi. 1ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019. (clássicos da filosofia).

WALTER, B. **Dicionário de Filosofia**. Tradução portuguesa por Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Editora HERDER, 1962.

ZILLES, Urbano. **Panorama das filosofias do século XX**. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 2016.